

# Por Que Não “Necessidade de Reformas Positivas”?

Coronel Art  
EVERALDO DE OLIVEIRA REIS  
Colégio Interamericano e Defesa (USA)

Este pequeno estudo, longe de se propor a apresentar soluções, mais se constitui num desafio à inteligência militar brasileira, para que as nossas Forças Armadas não venham a destoar do Brasil potência que as gerações de hoje procuram construir e sim, que continuem, a responder hoje, como fizeram ontem, ao desafio dos fatos.

É evidente que o nosso raciocínio, ao escrevê-lo, estava voltado para o Exército, dentro do qual, há mais de trinta e cinco anos, bem ou mal trabalhamos.

Assistimos em Washington, em 1973, ao término da “Guerra do Vietnã”, para os norte-americanos. Frequentávamos, então, o Colégio Interamericano de Defesa, onde num grupo de quarenta cursantes, cinco eram norte-americanos, e destes, pelo menos dois com participação relevante na Guerra. É evidente que, para eles, a sensação era de alguém que fora traído na sua retaguarda. E a amargura conseqüente chegou a ser traduzida por um deles, na monografia de fim de curso, que éramos obrigados a apresentar.

Incontestavelmente, a Guerra do Vietnã foi para a nação amiga um tremendo impacto social, que a marcou profundamente. Problemas de há muito existentes, atingiram proporções de escândalo, do qual não puderam fugir as Forças Armadas: drogas, insubordinação, falta de exação no cumpri-

mento do dever em presença do inimigo, conflito racial, de repente ganharam a primeira linha da preocupação dos chefes militares. E tudo isto, que para nós se constituía em algo inusitado analisado friamente.

Vivíamos, então, uma experiência sensacional, que se prolongaria ao longo das visitas que fazíamos às organizações militares, escolas e quartéis. Nas primeiras, a ênfase estava posta no estudo dos problemas de integração racial, dentro dos currículos; nos segundos, ela se mostrava na instituição de um serviço militar voluntário e na modificação dos antigos padrões de preparo do combatente individual, numa tentativa lealmente confessada, de vencer determinados problemas.

É evidente que a constatação destes fatos não nos colocou como defensor das soluções propostas; que, pelo contrário, muitas delas nos pareceram longe de satisfatórias, como penosamente admitiam muitos militares norte-americanos, com quem conversávamos. Uma coisa porém nos impressionava, quase podemos dizer, chocava a nossa sensibilidade latina: a maneira franca com que os problemas eram reconhecidos e a forma, quase ingênua, como eram discutidos.

Mas, mesmo dentro deste panorama, o artigo "A Necessidade de Reformas Positivas", de Robert L. Goldich, publicado na Edição Brasileira da *Military Review* (número 4/abril/73), nos causou forte impacto. Aliás, a própria Revista pareceu se confessar surpresa, quando acrescentou na sua habitual nota de apresentação do autor, uma observação pouco freqüente em tais notas:

"Os pontos de vista aqui apresentados são do próprio autor; não se deve inferir que haja endosso de suas ligações profissionais passadas e presentes."

Robert L. Goldich procura em seu profundo estudo, enfocar a problemática sócio-cultural que caracteriza as Forças Armadas Norte-Americanas de hoje e provar que a fortaleza de tão poderoso instrumento se encontra na dependência da solução de tal problemática.

A cada passo do trabalho, encontramos assertivas cujo valor não desejamos discutir, mas que, evidentemente, nos obrigam a meditar:

— "Uma análise dos aspectos sócio-culturais da política militar atual é imperativa."

— "Persiste a impressão de que as reformas militares atuais estão sendo feitas aos poucos, sem referência a qualquer filosofia ou plano geral."

— "Dois tipos diferentes de tensões sociais possivelmente se manifestarão nas Forças Armadas. O primeiro será de natureza interna. Os militares americanos sofrerão pressão crescente para adotar novos estilos de vida e organização... A tensão externa também crescerá. As Forças Armadas ficarão consideravelmente para trás das instituições civis na execução de reestruturações radicais."

— "A doutrina e o pessoal sendo conservadores, a organização também o será."

— "As instituições civis... têm um número abundante de homens e mulheres entre 27 e 35 anos de idade que subiram ao equivalente a general ou almirante, em virtude de sua energia e capacidade."

E, encerrando as considerações, sugere, entre outras, as seguintes idéias:

— "Em resumo, os militares deveriam fazer todo o esforço para se envolverem e interagirem mais dinamicamente com a juventude ambiciosa da nossa sociedade."

— "Especialistas e técnicos sem *status* de comando deveriam ser compensados por sua capacidade, sem diluir o conceito de posto."

— "Oficiais e praças de escol deveriam ser promovidos com base em seus méritos, com maior rapidez que atualmente."

— "As Forças Armadas deverão acompanhar e analisar continuamente as mudanças sociais e culturais, tão comple-

tamente como examinam os desenvolvimentos científicos e tecnológicos .....

Organizações permanentes de pesquisas, preocupadas com análises sociais e culturais, deveriam ser estabelecidas dentro de cada uma das Forças e no Departamento de Defesa, para pesquisa interna e através de outros órgãos sob contrato.”

— “Finalmente, os militares não deveriam considerar como terminada sua tarefa de melhoria contínua.”

É claro que não temos a pretensão de julgar o artigo de Robert L. Goldich. Seria ousado tentá-lo. Entretanto, não podemos deixar de nos sensibilizar com algumas das afirmativas e também com as conclusões.

O que se poderia questionar, desde logo, é quanto serão elas válidas para o caso brasileiro. Este é o problema que exige séria meditação. Desde logo, há fatos evidentes, que é indispensável alinhar:

— em nossos muitos anos de serviço, não temos memória de outro período em que o Exército Brasileiro tenha se preocupado tanto com a sua estrutura material, como após a Revolução de 1964. São fatos incontestáveis: o plano de distribuição de casas, que atingiu todas as guarnições; o reequipamento em material, tanto pela utilização da Indústria Brasileira, quanto pela aquisição de material estrangeiro de toda gama, desde unidades hospitalares sofisticadas até veículos blindados.

Temos, entretanto, a convicção de que, embora tais medidas demonstrem marcante evolução, é indispensável que se mantenham respaldadas por um Pensamento Militar, atento à evolução da conjuntura.

O velho princípio de que o homem é o instrumento fundamental da guerra, resiste mesmo à fissão nuclear. E o homem será sempre representado por uma mente, que deverá estar, não apenas muito adestrada, mas adequadamente adestrada.

Da República até a década de 1960, a Nação Brasileira viveu um processo de avestruz. Não se empreste à expressão um sentido pejorativo. É claro que a FEB representa um capi-

tulo grandioso, do qual nos orgulhávamos ontem, orgulhamo-nos hoje e nos orgulharemos amanhã. Mas, combatendo enquadrada numa poderosa aliança, as lições que ela colheu, de validade indiscutível, não tiveram para nós, no campo operacional, o mesmo significado. Recebemos assim, intelectualmente, bem menos do que oferecemos em termos de sacrifício no cumprimento da obrigação assumida.

Os anos iniciais da Revolução de 1964 também se consumiram no afã de resolver problemas internos. Mas, à medida que a Nação se reencontrava com a sua grandeza, ia inapelavelmente se projetando no cenário mundial. Não se trata levemente de imaginar que tudo está feito. Porém, ao longo de quase dois anos afastado do país e o observando de fora para dentro, temos visto, à saciedade, que somos hoje apreciados, discutidos e até mesmo desejados, além fronteiras.

Impõe-se, portanto, hoje mais do que nunca, mantenhamos um Pensamento Militar capaz de responder à conjuntura. Desta forma, a expressão militar estará contribuindo para a grandeza nacional, no mesmo nível que o fazem as outras expressões do poder nacional.

Somos hoje, ao completar cinco séculos de existência, novamente uma nação jovem. Novamente jovens, porque estamos possuídos do mesmo espírito dos que aqui viveram nos séculos XVI e XVII.

Seremos também uma Força Armada jovem, capaz de derrotar o desafio das novas posições?

É claro que não possuímos, em nossa posição, respostas para tais perguntas.

Acreditamos, porém, que o estudo dos fenômenos sociais, já presente em nossos currículos escolares, deverá crescer, a exemplo do que já realizamos nos campos da ciência e da tecnologia.

Precisamos, sem nos determos, reexaminarmo-nos para, descobrindo as verdades de hoje, diagnosticarmos as de amanhã e, desta forma, mantermos uma Doutrina Militar alicerçada no homem brasileiro, que hoje, com a mesma

grandeza de ontem, mas quem sabe com outras posições, está construindo a sociedade brasileira do futuro.

A essa sociedade e a esse homem deve corresponder um Pensamento Militar.

Senti-lo, é servir à grandeza nacional. Olvidá-lo é trair os antepassados.

Ao longo de cinco séculos, estiveram as Forças Armadas marchando à testa do processo social. Mas este processo, quiçá conseqüente ao próprio impulso que lhe era emprestado, ameaça deixar os mais tímidos para trás.

Este é um desafio para toda uma geração de oficiais de Estado-Maior. A velha assertiva — “um bom oficial de Estado-Maior nada teme, nem mesmo uma idéia nova” — precisa hoje, mais do que nunca, ser praticada.

E se isto implicar em “reformas positivas”, que elas venham. Mesmo que, para nós, os mais velhos, signifiquem “a hora da rendição da guarda”.

---

*“Defesa Nacional é tudo para a nação: é o lar e a pátria, a organização e a ordem da família e da sociedade, todo o trabalho, a lavoura, a indústria, o comércio, a moral doméstica e a moral política, todo o mecanismo das leis e da administração, a economia, a justiça, a instrução, a escola, a oficina, o quartel, a paz e a guerra, a história e a política, a poesia, a filosofia, a ciência e a arte, e o passado, o presente e o futuro da nacionalidade”.*

OLAVO BILAC